

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



AS «MARCAS DE OLEIRO» NA *TERRA SIGILLATA* DE VALE DE TIJOLOS (ALMEIRIM) E AS DINÂMICAS COMERCIAIS NO *AGER SCALLABITANVS* DURANTE O PRINCIPADO

Rodrigo Banha da Silva¹, João Pimenta², Henrique Mendes³

RESUMO

O sítio rural romano de Vale de Tijolos surge-nos mencionado por diversas vezes (Henriques, 1982, 1987; Quinteira, 1996, 1997), estando referenciado com o CNS 3110. Conhecido através de uma vasta dispersão superficial de vestígios cerâmicos, vítreos, metálicos e numismáticos, desconhece-se para já qualquer estrutura.

No Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira encontra-se depositada uma colecção de materiais arqueológicos proveniente do sítio rural romano de Vale de Tijolos, de que se seleccionaram para esta apresentação as «marcas de oleiro» na *terra sigillata*, 26 exemplares na sua maioria muito fragmentários. Estão representadas impressões efectuadas em fabricos de modo itálico, tardo-itálicos pisanos, sud-gálicos de La Graufesenque e hispânicos setentrionais, bem ilustrativos da elevada capacidade de aprovisionamento e da diversidade do fornecimento de que o local dispôs entre finais do séc. I a.C. e as primeiras décadas do séc. II d.C.

O balanço diacrónico do conjunto de «marcas de oleiro» permitiu esboçar o perfil de importações de Vale de Tijolos, e contrastar os dados com os com a mesma natureza do outro importante sítio rural de Azeitada e do centro redistribuidor regional correspondente à cidade de *Scallabis* (Silva, 2012), reavaliando os perfis regionais de consumo da *terra sigillata* nesta zona nevrálgica do Baixo Tejo português.

Palavras-chave: Arqueologia Romana, Terra Sigillata, Povoamento rural romano, «Marcas de Oleiro», Comércio Romano.

ABSTRACT

The Roman rural settlement of Vale de Tijolos was often quoted (Henriques, 1982, 1987; Quinteira, 1996, 1997), corresponding to national code site CNS 3110. It is known through a vast dispersion of finds, namely pottery, glass, metal artefacts and coins, but no constructive remains are known so far.

In Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira (Vila Franca de Xira Centre for Archaeological Studies) is deposited a collection of materials from the site, «potter's stamps» on samian ware were being selected for publication: 26 individuals, mainly very incomplete. Italic fabrics, Pisan Late Italic, La Graufesenque and northern Spain are the groups present, illustrative of acquisition capacities and of diversity of supply available for the site, from mid Augustan to Hadrianic times.

Time span balance of chronologies associated to stamps allows to sketch imports profile of Vale de Tijolos, and to contrast it to data from nearby rural settlement of Azeitada and from the town of Santarém, the regional distributor centre (Silva, 2012), evaluating consummation pattern in the commercial vital zone of Lower Portuguese Tagus.

Keywords: Roman Archaeology, Terra Sigillata, Roman Rural Settlement, «Potter's Stamps», Roman Commerce.

1. CHAM – FCSH/UNL e UAç; rbds@fcsh.unl.pt

2. CEAX – Museu Municipal de Vila Franca de Xira; Uniarq; joao.marques@cm-vfxira.pt

3. CEAX – Museu Municipal de Vila Franca de Xira; henrique.mendes@cm-vfxira.pt

1. INTRODUÇÃO

O sítio arqueológico de Vale de Tijolos, Almeirim (Figura 1), corresponde ao CNS N.º 3110 da Base de dados Endovélico, sendo conhecido, na literatura arqueológica, pelos vastos vestígios de superfície datados de época romana, ainda hoje particularmente bem visíveis e que devem corresponder a uma *uilla* e à(s) sua(s) necrópole(s) (Henriques, 1982, 1987; Quinteira, 1996, 1997).

A ampla área de dispersão dos materiais arqueológicos espalha-se pelo topo e encostas de uma colina aplanada no topo que se debruça sobre o Vale de Tijolos, a nascente, e sobre o Pego da Rainha, a norte, alcançando uma área de cerca de 7 hectares de extensão (Henriques, 1982). Por si só, esta elevada amplitude sugere um elevado grau de destruição do arqueossítio.

As mais antigas referências ao sítio e suas putativas ocupações pretéritas remontam aos anos vinte do século passado. Em 23 de Fevereiro de 1923, é publicado no *Correio da Estremadura* um artigo de José Frazão de Vasconcelos intitulado “Alguns subsídios para uma monografia de Almeirim”, surgindo aí uma interessante referência à descoberta na Quinta de Vale de Tijolos ao “(...) achado de um púcaro de barro com cerca de 80 moedas de prata, romanas, dos Imperadores Tito, Vespasiano, Nerva, Trajano e Adriano” (Vasconcelos, 1923).

Em 1949, voltam a existir dados relativos a achados de materiais romanos decorrentes da realização de trabalhos agrícolas. De acordo com os dados transmitidos por Eurico Henriques, no *Levantamento Arqueológico do Concelho de Almeirim*, sabemos que terão sido então recolhidos uma ânfora completa e uma moeda do Imperador Calígula (Henriques, 1987). O mesmo autor refere ainda que “aparecem em determinados locais vestígios de fundações”, assim como relata a destruição de um túmulo romano na sequência do alargamento da área de estacionamento existente à entrada da Quinta, junto à Estrada Nacional n.º118.

É precisamente graças aos trabalhos promovidos na década de oitenta do século passado, que se recolheu uma significativa colecção de materiais arqueológicos, essencialmente cerâmicos, que se encontram depositados na sede da Associação de Defesa do Património Histórico e Cultural do Concelho de Almeirim.

A acrescentar a esta informação, no Museu Nacio-

nal de Arqueologia preserva-se sob o Código MNAE 0535, uma ampla colecção de materiais arqueológicos provenientes deste arqueossítio. Poucos dados sabemos sobre essas recolhas, quem as efectuou e com que enquadramento. Preserva-se, porém, entre os materiais uma etiqueta manuscrita datada de 11/8/1964 e com a indicação de “Vale de Tijolo”.

Em meados dos anos noventa António Quinteira volta a chamar a atenção sobre o sítio, realizando aí trabalhos de prospecção arqueológica no âmbito da sua dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Minho (Quinteira, 1996). Nesse estudo individualiza sob a denominação de Quinta de Vale de Tijolos uma estação arqueológica que define como *uilla*, e publica alguns materiais aí recolhidos, nomeadamente uma pequena mas significativa colecção de materiais metálicos (Quinteira, 1997).

No decorrer do Projecto de Investigação MOCRATE-Monte dos Castelinhos e a romanização do Baixo Tejo, voltámo-nos a debruçar sobre Vale de Tijolos e os materiais aí recolhidos, dispersos por diversos Museus. Nesse sentido, temos vindo a estudar estas colecções, nomeadamente o conjunto anfórico do qual já se publicaram as marcas, inserindo-se o presente trabalho nessa linha (Fabião *et al.*, 2016).

No decorrer daquelas investigações deparámo-nos com uma inesperada ocupação anterior, até ao momento desconhecida, datada de Época Proto-Histórica, em concreto da Idade do Bronze Final. A presença de algumas cerâmicas manuais, a par de um conjunto de braceletes em bronze, permitem atestar esta ocupação (Soares *et al.*, 2015).

A reanálise do espólio aqui recolhido reafirma a relevância que o sítio apresentou em Época Romana, com uma lata diacronia de ocupação. Uma primeira leitura parcial do conjunto da *terra sigillata* foi efectuada no âmbito da dissertação de doutoramento de um dos signatários (Silva, 2012: 626-631). Nela se estudaram três “marcas de oleiro”, e se abordaram e classificaram 172 outros elementos (79 NMI) itálicos, sud-gálicos e hispânicos, e se observaram outros africanos que permitiram aferir uma cronologia para a ocupação romana que se estende dos finais do século I a.C. ao século V d.C., pelo menos (Idem: 628-629, fig. 186).

Mais recentemente, os estudos em curso, nomeadamente das cerâmicas finas, das ânforas e do conjunto de metais, permitiram consolidar a hipótese de que o sítio romano terá surgido em momentos mais recuados, de meados do século I a.C., pelo menos. Estão ali

presentes as ânforas vinárias itálicas do tipo Dressel 1, ânforas do Guadalquivir dos tipos Ovóide 4 e 6, cerâmica campaniense, imitações em cerâmica cinzenta de formas de campaniense, paredes finas, etc. (Pimenta, Mendes e Henriques, 2014: 265). Entre o espólio metálico estão atestadas duas *glandes plumbeae* (Guerra e Pimenta, 2013: 58) e um quinário argênteo de *Augustus*, com cunhagem em Mérida (RIC I, 1a), encerrando uma datação de entre 25 a 23 a.C. (Pimenta, Mendes e Henriques, 2014: 265) (Figura 1).

2. BREVE ENQUADRAMENTO DE VALE DE TIJOLOS NA REDE DE POVOAMENTO DOS AGRI DE SCALLABIS

O acto fundacional da *colonia scallabitanana*, com probabilidade na década de 30 a.C. (Faria, 1999), comportou a criação de uma paisagem nova, sendo particularmente visíveis ainda hoje no aro de Almeirim os traços fossilizados do cadastro romano atribuído a este momento (Henriques, 1982; Quinteira, 1996; Mantas, 2012).

A forte presença militar itálica, que se prolongou após o momento da incorporação em 138 a.C. (Fabião e Pimenta, 2014), para além de ter favorecido a continuidade dos fluxos comerciais entrados pela foz do Tejo durante o restante do período republicano, forjou de igual modo na zona uma identidade cultural predisposta ao consumo de bens “à romana” (Silva, 2012), que a fixação na nova colónia de contingentes populacionais itálicos iria então consolidar em definitivo.

As evidências no sítio de Vale de Tijolos anteriores à dedução por Octávio são contudo evidentes (ver supra), e implicam uma ocupação do espaço bem mais antiga do que esta data, o que coloca problemáticas interessantes, e que estão todavia por resolver. De todas assoma, com mais alto significado, a explicação para como se articulou a implementação da centurição colonial romana com os sítios manifestamente pré-existentes, alguns remontando mesmo à plena Idade do Ferro, de que Vale de Tijolos é tão-somente um exemplo regional. A questão assume uma dimensão superlativa, se se levar em consideração que os problemas que se põem para os *agri scallabitanos* se colocam, na mesma exacta medida, para o *territorium* de *Olisipo*, o que é o mesmo que dizer que muito pouco sabemos quer das circunstâncias históricas, como dos processos de integração, de toda esta vasta e relevante região tagana na esfera

romana, entre a tardo-república e o alto-império. Independentemente da severidade das lacunas no nosso conhecimento actual, Vale de Tijolos surge em associação de proximidade a um dos principais eixos estruturantes do povoamento romano da região, a via *Olisipo-Scallabis*, concretamente o seu divertículo pela margem esquerda do Tejo, que Vasco Mantas supõe provir do tronco comum através de uma travessia na zona do Escaroupim (Mantas, 2012). A importância vial desta variante mais meridional é manifesta, porque testemunhada por um número razoável de marcos miliários.

Na realidade, a escassez de povoamento romano assinalado no segmento da via que percorre a margem direita do grande rio após Alenquer, por Aveiras e até atingir Santarém, é altamente contrastante, por oposição, à elevada densidade e relevância das evidências arqueológicas associadas ao trajecto pela margem esquerda. Porventura a explicação para a existência dos dois traçados alternativos radique na melhor aptidão sazonal de um e de outro troço, sugerindo também os escassos dados disponíveis, datados do período republicano e anteriores, que o troço meridional equivaleria a um itinerário mais antigo.

Apesar dos muitos e variados dados, dispersos e fragmentários, é no momento impossível clarificar a dinâmica e as características específicas da ocupação romana de Vale de Tijolos, que com segurança assumiu uma simultaneidade de funcionalidades domésticas, produtivas e funerárias.

3. AS «MARCAS DE OLEIRO» NA TERRA SIGILLATA DE VALE DE TIJOLOS

As «marcas de oleiro» constituem um domínio específico de estudo em Arqueologia Romana, cuja pertinência se prende com a informação mais qualificada em termos cronológicos e de origem dos vasos que encerram (Silva, 2012).

No caso presente, amplia-se o conhecimento nesta matéria relativo ao local, de que se conheciam já três «marcas» (Silva, 2012: Sc.Ag.1-3), a que se juntam agora mais duas dezenas de exemplares inéditos. Vale de Tijolos ombreia, deste modo, com o sítio muito próximo de Azeitada (Almeirim), o assentamento do aro rural com mais ampla representação de impressões em todo o Vale do Tejo, um e outro com números muito superiores aos atingidos pelos arqueossítios análogos e muito mais bem trabalhados como Povos (Vila Franca de Xira), Frielas (Loures)

ou Freiria (Cascais), para apenas citar alguns casos. Em Vale de Tijolos quatro fabricos estão representados por «marcas» (itálico, tardo-itálico, sud-gálico e hispânico de La Rioja) que cobrem um espectro cronológico situado entre finais do séc. I a.C. e as primeiras décadas do séc. II d.C., adoptando-se a ordem indicada para a sua apresentação.

3.1. Produções de modo itálico

As produções de modo itálico em Vale de Tijolos estão representadas por 7 impressões, a mais antiga das quais se inscreve no período que medeia a mudança da Era e os primeiros anos do principado de Tibério, e a mais recente podendo atingir os primeiros do de Vespasiano, demonstrando a constância do aprovisionamento itálico à região, já observada no Vale do Tejo em *Olisipo*, *Scallabis* e respectivos *agri* (Silva, 2012).

Trata-se no caso, e conforme ao perfil regional, de um abastecimento fragmentário quanto aos centros abastecedores, onde se fazem representar quer as duas principais produções atestadas nas hispânicas, a corneliana de Arezzo e a do grupo dos ateianos de Pisa, quer oficinas bem mais limitadas na sua dimensão e capacidade. Constata-se, de igual modo, uma rica diversidade geográfica de origens dos vasos, estando presentes Arezzo, Pisa, Pozzuoli e Scoppieto, pelo menos, o que não deixa de ser sintomático considerando o número limitado de exemplares.

1 – *Auillius* (OCK 371)

Sob o nome *Auillius* se abriga no OCK um conjunto de impressões maioritariamente do Centro da Itália que poderá não corresponder a um único oleiro, o que melhor explicará o lapso longo de laboração indicado, de 20 a.C. a 40 d.C. Contudo, e como o próprio *corpus* adverte, a maioria da produção repertoriada data já do principado de Tibério, estando bem representada nos contextos de Dangstetten e Loyasse-Lyon (OCK).

No caso presente, a impressão é do modelo *in planta pedis*, equivalente ao tipo OCK 371.28, portanto situável entre 15 e 40 d.C.

2 – *Publius Cornelius* (*P. Cornelius* (2)) - OCK 624)

A produção de *Publius Cornelius* teve lugar em Cincelli, nos arredores de Arezzo, onde a *officina* tinha as suas instalações e onde laborou um elevado número de elementos servis que também assinaram a produção, que compulsou quer vasos lisos quer decorados.

Possuindo uma das mais longas laborações, iniciada cerca de 20 a.C. e terminada pouco após 40 d.C., como a investigação vem de há muito assinalando, os vasos cornélios parece terem tido nas Hispânicas um dos seus mercados preferenciais (Kenrick-OCK; Silva, 2012).

A impressão de Vale de Tijolos foi feita em cartela circular, de que resta metade porque cerceada. Mostra um P isolado, horizontalizado em relação ao desenvolvimento do texto, ladeado à esquerda por palma, e somente as duas letras finais LI de um texto que corria ao longo do bordo da cartela. O modelo da impressão, a grafia e a ornamentação interna têm paralelo no grupo OCK 624.51-58 (OCK: 192), mas não corresponde a nenhum dos exemplos, pelo que constitui um novo tipo de impressão do oleiro.

De um ponto de vista cronológico o modelo de «marca» situa-se entre os finais do principado de Augusto e os inícios do de Tibério, período em que as principais oficinas itálicas experimentam e desenvolvem novos modelos de impressão (circulares, ovais, polifóleos, triangulares,...), mas antes do pleno principado do último imperador mencionado, quando o tipo *in planta pedis* se constituiu como o normalizado.

3 – *L. Crispus* (OCK 711)

L. Crispus é um oleiro arretino de pequena dimensão, produtor de loiça lisa, e que terá laborado entre 1 e 20 d.C. (OCK: 208).

A impressão rectangular de Vale de Tijolos, executada sobre prato, poderá equivaler ao modelo OCK 711.6, mas infelizmente o *corpus*, aquando da sua elaboração, não dispunha de desenho.

4 – *Ennius* (OCK 761)

Ennius é um dos oleiros de maior capacidade de compulsão de vasos de *Puteolis*, tendo um período de laboração longo (OCK: 215).

O pequeno fragmento do fundo de taça de tipo indeterminável ostenta uma impressão equivalente ao modelo OCK 761.4, mas o espaçamento à direita da impressão ribatejana mostra-se mais “apertado” do que a versão constante no *corpus*.

5 – *L. Plotius Por()* (OCK 1485)

A oficina dos *Plotii* estava situada num esporão bem internado para o interior do Vale do Tibre, em Scoppieto (Terni, na Úmbria), e constitui um dos casos mais excepcionais de entre a produção itálica

porquanto o pequeno centro produtor foi descoberto em data recente e tem sido objecto de intenso trabalho arqueológico, sendo aliás a única olaria itálica de que por isso se conhecem bem as estruturas produtivas e as espacialidades arquitectónicas (Bergamini, 2003, 2016). Noutro sentido, a pequena dimensão da olaria permite bem determinar o processo de difusão dos vasos, que percorriam o Vale do Tibre até Roma e Óstia, onde se encontram muito bem representados, e a partir destes locais foram também embarcados para os espaços do Mediterrâneo Ocidental Europeu e para a fachada Atlântica, onde se encontram quer na Lusitânia Ocidental, quer na *Germania Inferior* (Bergamini, 2016). Embora as olarias tenham produzido uma miríade de elaborações, desde as cerâmicas de verniz negro à cerâmica comum, o essencial da produção da *terra sigillata* de Scoppieto ocorreu sob a direcção de dois irmãos, *L. Plo(tius) Soz()* e *L. Plo(tius) Por()*, o último dos quais nos surge agora nos agri escalabitanos numa «marca» *in planta pedis* do tipo OCK.1485.6. Um, ou o outro, havia sido já identificado antes em Lisboa (Silva, 2012: Ol.193), demonstrando não se tratar de um epifenómeno.

A data da impressão do sítio dos *agri scallabitanus* inscreve-se na cronologia geral da compulsão de *sigillata* de Scoppieto, entre o 2º e o 3º quartos do séc. I d.C., especialmente activa nos principados dos Imperadores Cláudios (OCK: 333; Bergamini, 2003, 2016).

6 – *Xanthus (2)*=*Cneus Ateius Xanthus* (OCK 2536=OCK 316)

A história de *Xanthus* é bem conhecida e inicia-se já no momento da transferência das grandes oficinas de *Cneus Ateius* de Arezzo para a foz do Arno, para Pisa, ocorrida cerca de 5 a.C. (Kenrick,). Aí laborando como elemento servil, assumiria mais tarde com *Mahes*, *Zoilus* e *Mahes* papel de coordenação da produção, assinando já como *libertus* e compulsando quer vasos decorados quer lisos, como é o caso (Idem).

A impressão de Vale de Tijolos, XA[NTHI] apresenta-se no fundo de pequena taça, inscrita em cartela *in planta pedis*, equivalendo ao modelo 2536.126 (OCK:509). Pode, por essa razão, atribuir-se-lhe uma cronologia de 15-40 d.C.

7 – *Vmbricius (1)* (OCK 2441)

A assinatura é adscrita a Arezzo, entre 10 a.C. e os meados do séc. I d.C., podendo albergar mais

que um indivíduo. No caso presente, a impressão truncada aproxima-se dos exemplares circulares OCK.2441.74-75, podendo corresponder-lhes mas está borrada. Dado o tipo de cartela, deverá equivaler a produção tardo-augústea ou tibéria inicial.

8 – Oleiro não identificável = cartela muito truncada Publicada antes (Silva, 2012: Sc.Ag.1), a única “marca de oleiro” em produções itálicas não atribuída a um oleiro equivale a um exemplar muito fragmentado e ilegível de marca bilinear, o tipo mais corrente em época augústea a partir da segunda década antes da Era, impresso no fundo interno de um fundo de taça Consp.B.2.5, morfologia associada a tipos corrente nas duas décadas centrais em torno da Era.

3.2. Produções tardo-itálicas

As produções denominadas tardo-itálicas, com proeminência para a pisana, assinalam nova presença na Península de Lisboa, depois de ter ficado claro que esta produção, embora em muito limitados números, atinge com frequência esta área da Lusitânia costeira ocidental (Silva, 2012).

9 – C.P.PI(*sanus*) (OCK 1342)

O OCK repertoria mais de uma dezena de punções daquele que é reputado como “o primeiro oleiro tardo-itálico”. Esta diversidade de modelos implica uma produção de alguma escala iniciada em torno de 50 d.C., aspecto que se esbate quando se considera a longevidade do oleiro, que atinge o final do primeiro século da Era (OCK).

A impressão de Vale de Tijolos, apesar de se encontrar truncada, é atribuível ao oleiro de Pisa, com base em vários argumentos: em primeiro lugar, a inter-punctuação triangular que ostenta é um traço paleográfico muito característico das marcas de C.P.Pi(*sanus*); em segundo lugar, merece o mesmo comentário a forma arcaizante da grafia do P, de cabeça aberta, que, embora não exclusiva é recorrente na mesma *officina*; por fim, a associação de ambas as características ao formato em *tabella ansata* de dimensão maior, menos comum nas “assinaturas” das olarias da Península Itálica, como ao tridente com que termina a inscrição, tornam a atribuição ao oleiro irrefutável.

Vários dos modelos de C.P.Pi(*sanus*) repertoriados no OCK mostram-nos um elemento final que se segue ao texto: um coração, uma seta, uma *hedera*. O tridente está, todavia, ausente. Trata-se, portanto,

de um novo modelo de assinatura do oleiro, permitindo desfazer as dúvidas colocadas a propósito de um exemplar absolutamente idêntico de Lisboa, idêntico (Silva, 2012: Ol.192). Noutro sentido, este aspecto é muito revelador, pois a ocorrência de ambas impressões conecta categoricamente o sítio ribatejano com o grande porto do Tejo.

O fragmento é demasiado pequeno para se poder propor uma morfologia concreta. Todavia, o perfil muito robusto denunciado pela espessura da parede, como a dimensão e formato da cartela da «marca», denunciam tratar-se de prato ou pratel. Do mesmo modo, as características já plenamente “tardias” de revestimento e pasta afastam o prato de Vale de Tijolos dos outros exemplares de *C.PPI(sanus)* repertoriados em Lisboa (Silva, 2012: Ol. 1, 257 e 258), aparentemente mais situados no período de transição.

3.3. Produções sud-gálicas

No sítio de Vale de Tijolos estão presentes apenas vasos preservando impressão oriundos do grupo de La Graufesenque, o que corresponde ao quadro regional já conhecido (Silva, 2012), sendo neste domínio o fabrico que atinge maior número de «marcas», com metade do total do conjunto.

10 – *Crestus i* (NOTS, 3: 189)

O oleiro iniciou a sua actividade nos finais do principado de Nero, permanecendo em laboração até Domiciano (NOTS: 189).

A impressão está muito “borrada”, sendo muito semelhante a NOTS 8d, mas não igual. Foi executada no fundo de uma taça de tamanho médio Drag.24/25, de perfil robusto.

11 – *Maccarus i* (NOTS, 5: 159-169)

O oleiro é um dos mais prolixos da produção rutenana de La Graufesenque, tendo estado activo no período do arranque da grande exportação, ainda com Tibério e depois, com Cláudio e Nero, cessando antes do final do principado deste último (NOTS: 168).

A grafia de *Maccarus i* utiliza com frequência nexos MA, mas no caso o que se observa é um nexos MAC, a que se seguem vestígios de um A, pelo que se trata de novo modelo de impressão, executado no fundo de prato, quase certamente um Drag.18 pela obliquidade acentuada do fundo.

12 – *Murranus i* (NOTS, 6: 181-196)

Murranus i teve elevada capacidade produtiva, de-

envolvida ao longo de um período de actividade de alguma longevidade, tendo iniciado a sua produção cerca de 45 d.C. e operado até ao pleno principado de Domiciano (NOTS: 193).

A estampilha foi mal impressa, tendo ficado desvanecidos os caracteres centrais, o que dificultou a leitura. Corresponde a uma cartela muito fina, onde se inscreveram caracteres delicadamente traçados, dos quais se divisam nitidamente dois Rs e os vestígios em haste oblíqua de um A final e dois caracteres anteriores, MV, faltando a expressão inicial OF. Assemelha-se, por isso, ao modelo NOTS 15d, não lhe equivalendo todavia. A encerrar uma cronologia compatível com o modelo ao qual se aparenta proximamente, e por este ter ocorrido no Keramiklager de Oberwinthertur, deverá situar-se já no principado de Vespasiano ou após este.

As dimensões da cartela adequavam-se ao pequeno tamanho da tigela onde foi aposta a impressão, uma Drag. 24/25.

13 – *Sabinus iii* (NOTS, 8: 15-29)

Sabinus iii é um dos oleiros de maior capacidade de compulsão de vasos rutenos, tendo estado activo em La Graufesenque entre c. 50 e 80 d.C. (NOTS, 8: 27), sendo aliás de forma bem destacada o mais representado fornecedor de *sigillata* sud-gálica do Vale do Tejo (Silva, 2012).

No caso presente atesta-se a impressão do modelo NOTS 20a, somente assinalada em Saint-Georges-de-Rennes, na Gália, e em Vechten, na *Germania Inferior*, no fundo de tigelas Drag. 24/25 e Drag.27g, como é o caso. A modelação do pé denuncia uma cronologia já avançada, o que está de acordo com as características do revestimento.

14 – *Siluinus i* (NOTS, 8: 310-313)

Oleiro flávio, *Siluinus i* terá laborado 70 e 100 d.C. A impressão de Vale de Tijolos equivale ao tipo NOTS 9a, repertoriada no próprio centro produtor mas também em Xanten, Wissbaden, Vechten, Londres, Caerwent, Colchester, Wainborough, no forte de Caerleon, em Wroxeter, Cirencester, Richborough, e por uma vez na Gália, em Bregny. Em quase todos os casos a impressão foi aplicada no fundo de pratos Drag.18, como é o caso presente, mas também com frequência em Drag.18R, existindo somente um caso em que foi feita sobre Drag.27 e um outro sobre Drag.33 (NOTS, 8: 311-312).

15 e 16 – *Vitalis ii* (Polak 354-358).

A impressão n.º 15 foi já objecto de estudo anterior (Silva, 2012: 631), e destaca-se o facto de ter sido executada no fundo de uma taça decorada da forma Drag.29.

Já o n.º 16 equivale à impressão executada no fundo de um prato Drag.18, de perfil robusto, com o texto [OF].VIIA, sendo que do carácter final se divisa somente a haste oblíqua esquerda, por exaustão do punção.

17 – Grafomorfo

As impressões grafomorfas são frequentes na produção de La Graufesenque. Todavia o seu estudo mais detalhado está ainda por fazer, existindo em Vechten um elevado número de modelos bem datados, trabalhados por Marinus Rien Polak (2000). O exemplar presente não encontra, porém, paralelo seguro com estes, por estar em falta a outra metade do fundo do prato e da cartela respectiva. A despeito desta circunstância, as características de modelação do fundo do prato Drag.18 autorizam uma datação dentro de um espectro Cláudio-Vespasiano.

O aspecto mais extraordinário do exemplar presente reporta-se, todavia, ao pequeno e cuidado grafito inscrito na parede externa do fundo, nas proximidades do pé: trata-se do numeral VIII, perfeitamente isolado, desconhecendo-se se, na outra metade do fundo, algo mais fora grafado.

Ora, a gravação de textos no fundo interno em contextos de consumo está normalmente associada a “marcas de posse”, equivalendo na maior parte dos casos a elementos onomásticos, abreviados ou desenvolvidos (vide caso dos n.ºs 19, 21 e 23 de Vale de Tijolos, abaixo), geométricos (cruciformes, polifóleos, ...) ou estilizações filiformes, sendo os numerais extremamente raros. Em casos muito excepcionais, após o numeral o texto nomeou categoricamente o numeral como indicativo do preço do vaso, o que acontece somente em dois casos conhecidos: num prato da 2ª metade do séc. II d.C. do tipo Lud.Tb ou Ta, de Salzburgo, com o texto “AS XII” (Kovacsovic, 1987 *apud* Quaresma, 2003: 79), e numa taça decorada Drag.37, de meados do séc.II d.C. de *Flauia Soluia*, também na Áustria, com um texto mais desenvolvido e indicando 20 asses como o preço do vaso (Noll, 1972 *apud* Quaresma, 2003: 76).

Portanto, o numeral VIII grafado no fundo do prato de Vale de Tijolos poderá, sem que se o possa garantir em absoluto, equivaler ao custo em asses

de um prato Drag.18 na Lusitânia ocidental, sendo um valor consentâneo com os raríssimos preços que conhecemos para elementos vasculares desta natureza.

18 a 22 – Oleiros não identificáveis = Cartelas muito truncadas

O grupo de cartelas muito truncadas integra 3 pratos e uma pequena tigela, e em apenas dois exemplares se divisam ainda caracteres: o n.º 18 permite ler a parte final de um texto com um E de hastes horizontais alongadas, mostrando-se o restante da extremidade da cartela desvanecido; o n.º19, por seu turno, é um fundo de Drag.18 com a extremidade direita da cartela, onde se lê somente o S terminal da onomástica, devendo assinalar-se que ostenta parte de um grafito no fundo externo onde se vê uma haste vertical e lê um P.

Os n.ºs 20 a 22 permitem vislumbrar somente vestígios da impressão, equivalendo o primeiro a uma pequena tigela Ritt.8 ou Drag.24/25 e os restantes, de novo, a pratos Drag.18.

3.4. Produções hispânicas setentrionais

A representação de fabricos de *sigillata* hispânica assinados em Vale de Tijolos documenta somente os oriundos de La Rioja, estando ausentes as elaborações andujarinas, doutra forma atestadas no local (Silva, 2012).

Somente 4 impressões foram repertoriadas, reforçando a sua representação o oleiro setentrional mais documentado na Península de Lisboa, *Lapillus*, e acrescentado-se-lhe agora *Firmus Tritiensis*.

23 – *Firmus Tritiensis* (Bustamante 683)

A impressão foi executada no fundo interno de uma pequena taça, que tanto pode equivaler a uma Drag.27 como a uma Drag.33.

À cartela falta a porção esquerda, restando o texto (...)MI.TRITO que se atribui sem dificuldades ao artesão riojano em epígrafe, sem que todavia se tenha encontrado paralelo exacto para a impressão na bibliografia (Mayet, Sáez Preciado e Saéz Preciado, 1999; Bustamante Alvarez, 2010).

Firmus Tritiensis ocorre com várias impressões na grande lixeira urbana emeritense escavada na Calle Almendralejo n.º 41, sendo um dos seis oleiros do top da capital lusitana, com *Attius Britto*, *Attius Festus*, *Lapillus*, *Sempronius* e *Valerius Paternus*, grupo que forneceu metade do aprovisionamento hispano

ali documentado, (Bustamante Alvarez, 2010: 668). No referido local surge 1 vez em contexto vespasiano, 14 vezes em estratigrafias datadas de 80-90 d.C., 9 vezes em 90-100 d.C., 1 vez em 80-100 d.C. e outra em meados do séc. II d.C., considerando a investigadora espanhola que este último equivalerá a um elemento “residual”, e situando a actividade de *Firmus Tritiensis* entre 80 e 100 d.C., o que parece ajustado (Idem: 683).

24 e 25 – *Lapillus* (Bustamante 547-552).

Lapillus é um dos produtores riojanos de maior capacidade produtiva, tendo desenvolvido a sua actividade oleira nas olarias de Trício e El Quemao ao longo de um período lato que não se consegue precisar melhor no momento, entre 70 e 150 d.C. (Bustamante Álvarez, 2010: 759, fig. 331).

As lacunas nos *corpora* hispânicos impedem-nos de fixar paralelos-tipo.

Produtos do oleiro estavam já presentes no Vale do Tejo em Lisboa (Idem: Ol.404), na Quinta da Barradinha (Alenquer- Idem: Ol.Ag. 11), Santarém (Diogo, 1984: 120; Viegas, 2003: 159 = Silva, 2012: Sc.26 e 32) e Azeitada (Almeirim- Silva, 2012: Sc.Ag.23).

26 – Oleiro não identificável = Cartela muito truncada
O exemplar apresenta a parte central de uma cartela de caracteres bem desenhados e espaçados onde somente se lê parte de um P e um R, não se tendo conseguido repertoriar impressão exactamente equivalente, inviabilizando deste modo a identificação do oleiro.

O pequeno fragmento mostra o característico “resalto hispânico” no fundo externo de uma tigela de tamanho médio ou pequeno.

(Figuras 2, 3 e 4)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os indicadores do perfil de consumo de Vale de Tijolos aferidos a partir das «marcas de oleiro» em *terra sigillata* evidenciam uma probabilidade maior de importação a partir de 20 a.C., quando aportam os fabricos de Arezzo, sendo notório o aumento da capacidade aquisitiva deste modo demonstrada nos finais do principado de Augusto, quando os valores sobem significativamente. A partir de Tibério, porém, os problemas sentidos no comércio são evidentes, sendo um dos seus reflexos prováveis a quebra intensa das exportações oriundas dos centros maio-

res da Península Itálica, aproveitando esta janela de oportunidade centros com outras localizações, nomeadamente laciais e campanos, aspecto que se traduz numa maior diversificação de origens.

Não sendo a quebra tibéria tão intensa em Vale de Tijolos como noutros locais da região, como *Scallabis* (Viegas, 2003; Silva, 2012) ou *Olisipo* (Silva, 2012), a baixa equivale a uma estabilidade nos indicadores que se irá prolongar até Nero, quando os números do consumo dispararam para ultrapassar nitidamente os máximos tardo-augústeos e tibérios iniciais (Figura 5).

Com alguma peculiaridade, porque nisto se distingue do vizinho sítio de Azeitada ou de Lisboa e seus *agri* como um todo (Silva, 2012), Vale de Tijolos mostra o seu *floruit* transmitido por impressões já com Vespasiano, quando se fazem chegar contingentes relevantes de vasos de La Rioja que acompanham os rutenos, cuja importação ainda permanece com vitalidade. Todavia, a partir da década de 80 d.C. o colapso dos números ir-se-á arrastar ao longo do principado de Domiciano, para perder entidade a partir dos meados do de Trajano. Claro está que esta leitura, mais do que traduzir as dinâmicas comerciais, reporta-nos a perda do hábito epigráfico, mas não deixa de traduzir uma quebra efectiva no consumo na primeira metade do século II d.C., que se traduz de outras formas pelo cessar das exportações de La Graufesenque, pela desagregação do modelo Flávio praticado no grupo de La Rioja ou se manifesta na fragilidade das importações africanas neste período que se atestam na região, e que se percebem nos valores de *Scallabis* (vide Viegas, 2003).

(os autores escrevem com a ortografia antiga, anterior ao actual acordo ortográfico)

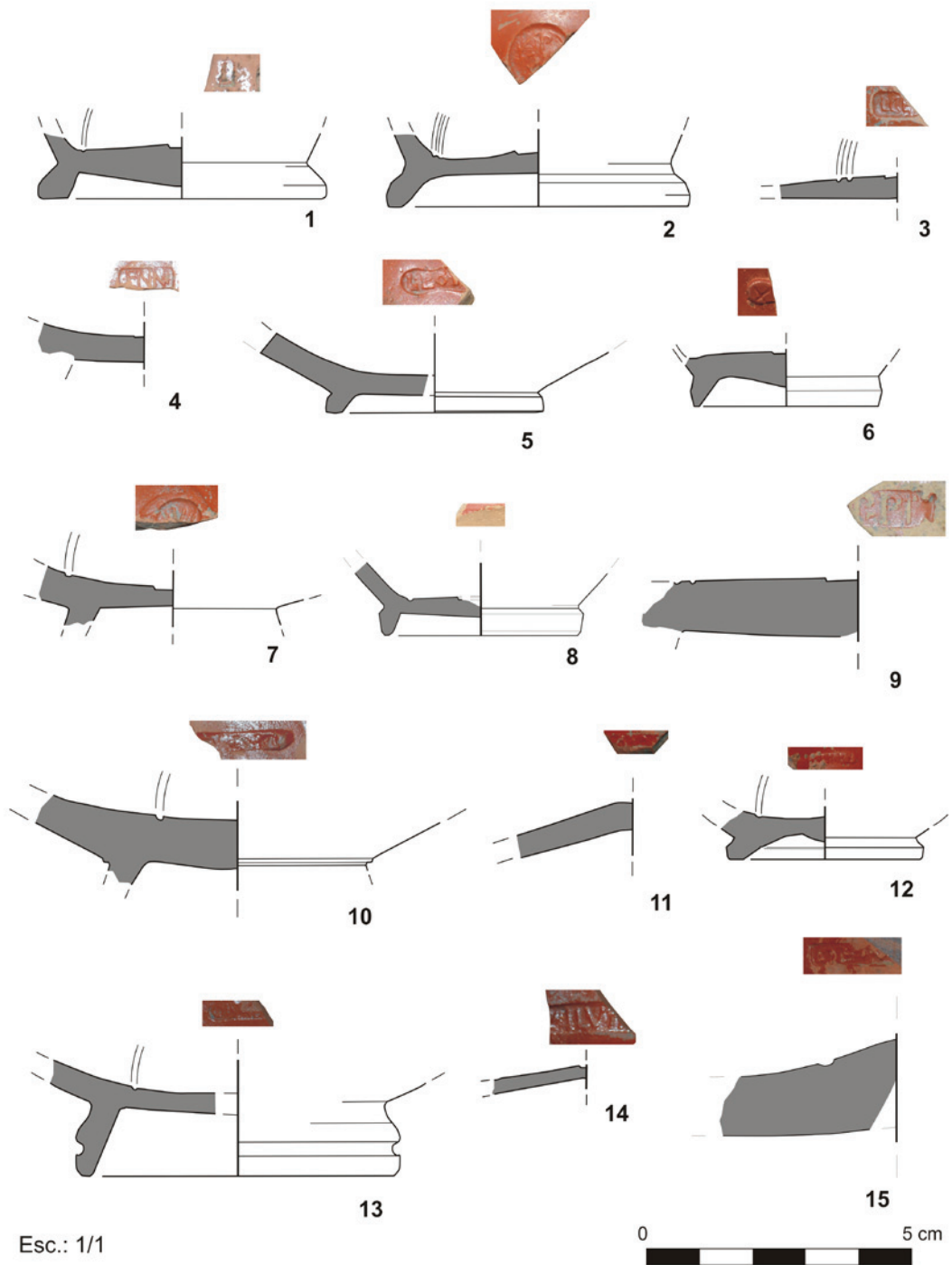
BIBLIOGRAFIA

- BERGAMINI, Margherita (2003) – “Una prodizione firmata Marcus Perennius Crescens a Scoppieto”, in *Rei Cretariae Romanae Fautorum Ata*, 38. Abingdon: Rei Cretariae Romanae Fautorum, pp. 133-144.
- BERGAMINI, Margherita (dir.) (2016) – *Scoppieto, IV/2, I material. Terra sigillata liscia, punzoni e matrici*. Roma: Edizioni Quazar.
- DIOGO, A. Dias (1984) – “O material romano da 1ª Campanha de Escavações da Alcáçova de Santarém”, in *Conimbriga*, 23. Coimbra, pp. 111-141.
- FABIÃO, Carlos; GUERRA, Amílcar; ALMEIDA, J.; ALMEIDA, Rui; PIMENTA, João; FILIPE, Vitor (2016) – *Marcas de ânforas romanas na Lusitânia (do Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa ao Museu Nacional de Arte Romano de Mérida)*. Lisboa: Union Académique Internationale, Academia das Ciências de Lisboa, UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (*Corpus Internationale des Timbres Amphoriques*, Fascicule 19).
- FARIA, António Marques de (1999) – “Colonização e municipalização nas províncias hispano-romanas: reanálise de alguns casos polémicos”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 2, n.º 2. Lisboa: pp. 29-50.
- GUERRA, Amílcar; PIMENTA, João (2013) – “Os projéteis de funda do Monte dos Castelinhos e a dispersão destes materiais no território português”, in *Catálogo Exposição Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo) Vila Franca de Xira e a conquista romana no Vale do Tejo*. Lisboa e Vila Franca de Xira: Museu Nacional de Arqueologia e Museu Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 47-58.
- HENRIQUES, Eurico (1982) – *Elementos para a Carta Arqueológica do Concelho de Almeirim*. Almeirim. Texto dactilografado. 19/12/82. Processo 82/1 (242) IGESPAR.
- HENRIQUES, Eurico (1983) – “Balanço da 1.ª Exposição Arqueológica”, in *Jornal Almeiricense*. Almeirim. 1/1/83.
- HENRIQUES, Eurico (1987) – *Levantamento Arqueológico do Concelho de Almeirim*. Almeirim. Processo 82/1 (242) IGESPAR.
- PIMENTA, João; MENDES, Henrique; HENRIQUES, Eurico (2014) – “O Acampamento militar romano do Alto dos Cacos – Almeirim”, in *CIRA Arqueologia*, 3, *Atas do Congresso Internacional de Arqueologia Conquista e Romanização do Vale do Tejo*. Vila Franca de Xira, pp. 256-292.
- QUARESMA, José Carlos (2003) – *Terra Sigillata Sud-Gálica num Centro de Consumo: Chãos Salgados, Santiago do Cacém (Mirobriga?)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, (Col. *Trabalhos de Arqueologia*, n.º 30).
- QUINTEIRA, António (1996) – *Scallabis, análise contextual e perspectivas de estudo*. (Dissertação apresentada à Universidade do Minho para obtenção do grau de Mestre). Braga: Universidade do Minho (policopiado).
- QUINTEIRA, António (1997) – “Estação arqueológica de Vale de Tijolos, Almeirim”, in *Munda*, 34. Coimbra: pp. 23-30.
- QUINTEIRA, António (1998) – “Estação arqueológica da Azeitada (Almeirim)”, in *Conimbriga*, 37. Coimbra: pp. 151-183.
- MANTAS, Vasco Gil (2012) – “A estrada romana de Olisipo a Scallabis. Traçado e vestígios”, in *CIRA Arqueologia*, 1, *Actas da Mesa Redonda «De Olisipo a Scallabis» – A rede viária romana no Vale do Tejo*. Vila Franca de Xira, pp. 4-28.
- NOLL, R. (1972) – “Eine Sigillateschüssel mit Eigentumvermerk und Presieangabe aus *Flauia Soluia*”, in *Germania*, 50. Frankfurt: pp. 148-152.
- KOVACSOVICS, W. (1987) – “«As XII» – Eine Preisengabe auf einem Sigillata-Teller aus Salzburg”, in *Germania*, 65. Frankfurt: pp. 222-225.
- SILVA, Rodrigo Banha (2012) – *As “marcas de oleiro” na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa* (Dissertação para a obtenção do grau de Doutor em História, especialidade em Arqueologia). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiado).
- SOARES, António Monge; ARAÚJO, Maria Fátima; VALÉRIO, Pedro; PIMENTA, João (2015) – “Composição elementar de artefactos metálicos de Vale de Tijolos e da Eira da Alorna (Almeirim): A metalurgia do Bronze Final no território nacional”, in *CIRA Arqueologia*. 4. Vila Franca de Xira, pp. 11-18.
- VASCONCELOS, J.F. (1923) – “Alguns subsídios para uma monografia de Almeirim”, in *Correio da Estremadura*, N.º 1672, de 23 de Fevereiro de 1923.
- VIEGAS, Catarina (2003) – *A terra sigillata da Alcáçova de Santarém- Cerâmica, economia e comércio*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Col. *Trabalhos de Arqueologia*, n.º 26).



Figura 1 – Localização relativa de Vale de Tijolos no Estuário e Vale do Baixo Tejo Português.

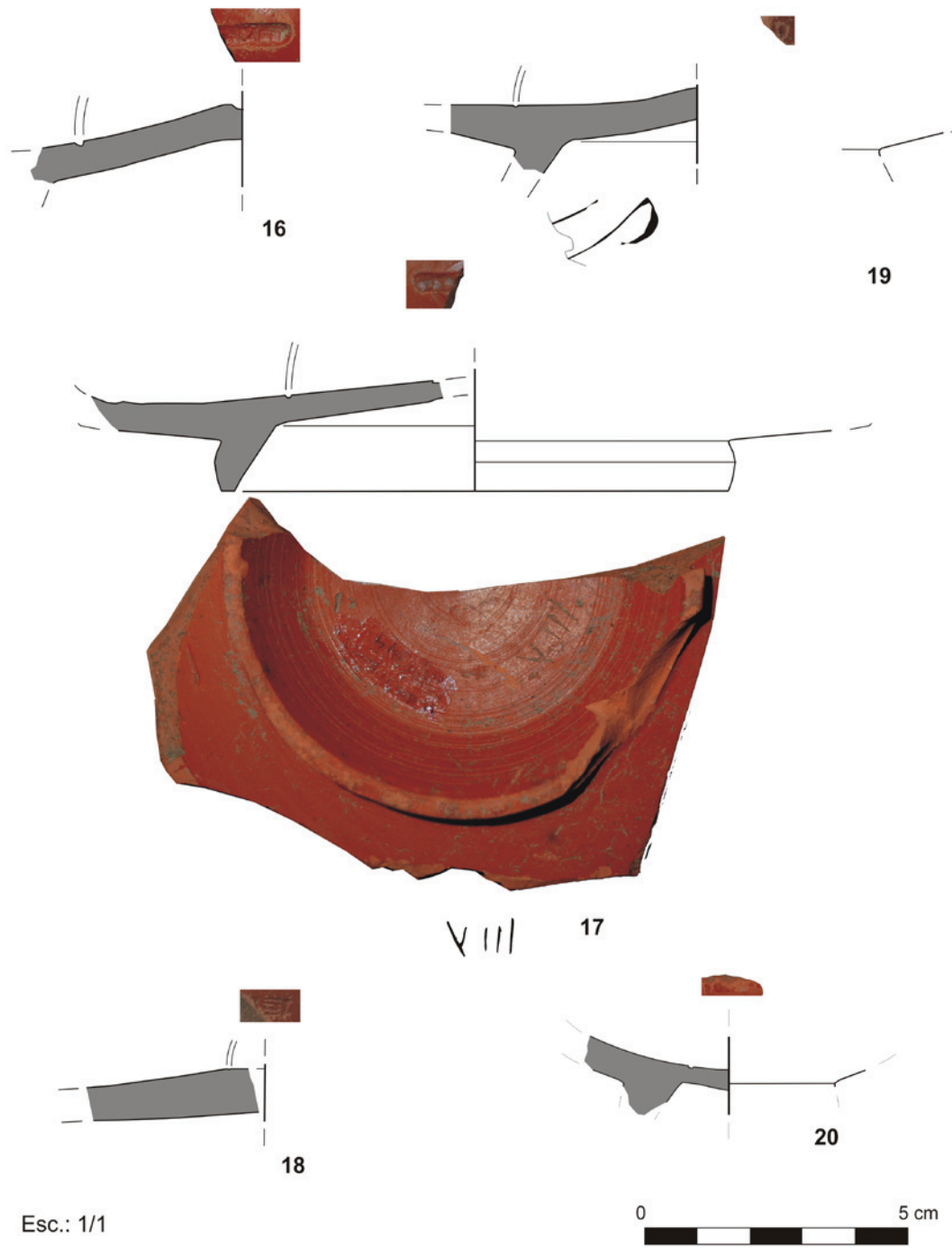
Estampa I



Estampa I- «Marcas de oleiro» das produções itálicas (1-9) e sud-gálica (10-15) de Vale de Tijolos.

Figura 2 – Estampa I – «Marcas de oleiro» das produções itálicas (1-9) e sud-gálica (10-15) de Vale de Tijolos.

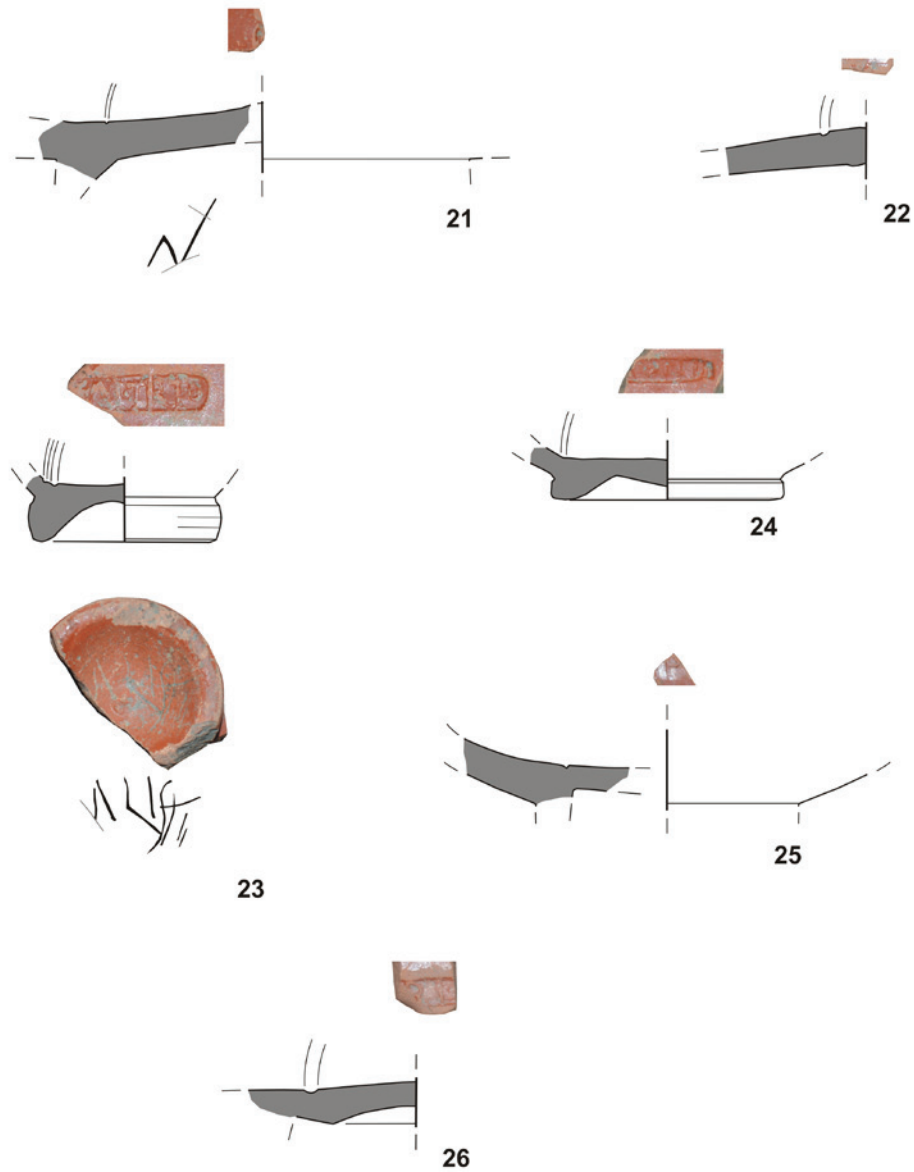
Estampa II



Estampa II- «Marcas de oleiro» da produção sud-gálica (cont.) (16-20) de Vale de Tijolos.

Figura 3 – Estampa II – «Marcas de oleiro» da produção sud-gálica (cont.) (16-20) de Vale de Tijolos.

Estampa III



Esc.: 1/1



Estampa III- «Marcas de oleiro» das produções sud-gálica (cont.) (21-22) e hispânica de La Rioja (23-26) de Vale de Tijolos.

Figura 4 – Estampa III – «Marcas de oleiro» das produções sud-gálica (cont.) (21-22) e hispânica de La Rioja (23-26) de Vale de Tijolos.



Patrocinador oficial